



PRIMEIRO SEMESTRE INDICA MELHORA DA OFERTA DE CACAU, MAS GERAÇÃO DE VALOR AINDA DEPENDE DA RECUPERAÇÃO DA DEMANDA

Dados do primeiro semestre mostram melhora da disponibilidade de matéria-prima em relação aos dois anos anteriores, enquanto a moagem permanece cerca de 20% abaixo do período anterior à crise

Após dois anos marcados pela escassez de matéria-prima, os dados do primeiro semestre de 2026 indicam uma melhora na oferta de cacau em relação aos dois anos anteriores. Dados compilados pelo SindiDados – Campos Consultores e divulgados pela Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau (AIPC) mostram que o recebimento de amêndoas somou **95.108 toneladas no primeiro semestre**, crescimento de 63,4% em relação ao mesmo período de 2025 e praticamente no mesmo patamar registrado antes da crise de oferta, em 2023.

O desempenho foi impulsionado pelo segundo trimestre, quando o recebimento alcançou 66.503 toneladas, alta de 64,5% em relação ao mesmo período do ano passado. Anna Paula Losi, presidente-executiva da AIPC, afirma que “a produção de amêndoas de cacau no Brasil voltou a apresentar uma sinalização positiva de crescimento. O desafio é consolidar esse movimento para que ele se mantenha nos próximos ciclos e para que essa produção se traduza em mais processamento, maior competitividade e valor para toda a cadeia”, ressalta.

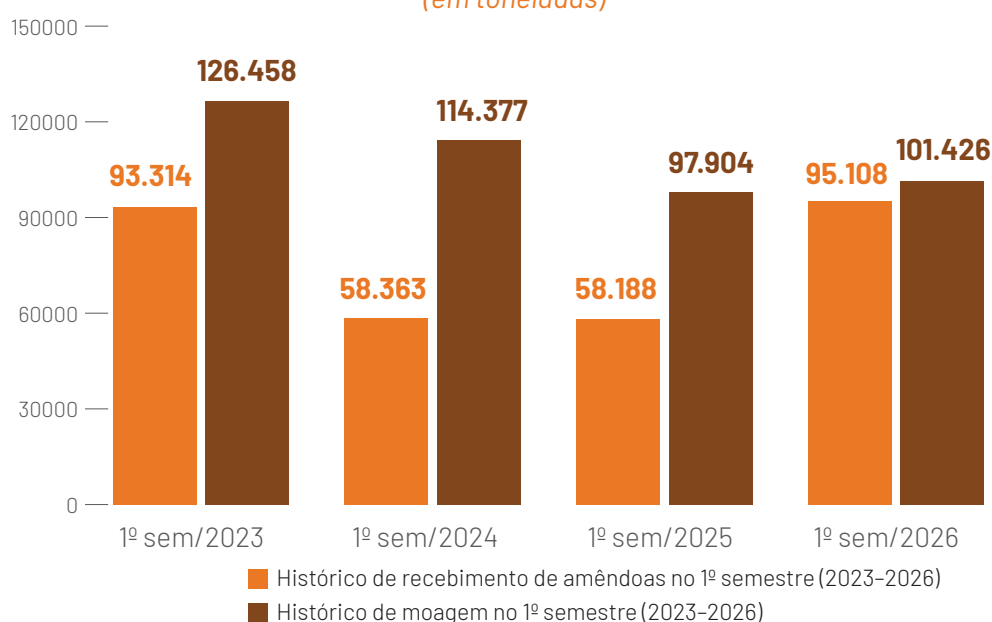
Retomada da produção ainda não chegou à atividade industrial

No primeiro semestre de 2026, **a moagem totalizou 101.426 toneladas**, um crescimento de apenas 3,6% em relação a 2025. Ainda assim, o volume permanece 19,8% inferior ao registrado no primeiro semestre de 2023. O mesmo comportamento é observado no segundo trimestre. Entre abril e junho, a moagem alcançou 49.711 toneladas, alta de 8,6% em relação ao mesmo período de 2025, mas ainda 20,4% abaixo do volume processado no segundo trimestre de 2023.

A comparação entre o recebimento e a moagem resume o momento vivido pela cadeia brasileira do cacau. Enquanto **a oferta de amêndoas cresceu mais de 63% no semestre, a moagem avançou apenas 3,6%**, o que evidencia que a recuperação da produção ainda não se traduziu em retomada da demanda por derivados de cacau. "Produzir mais cacau é apenas o primeiro passo. O fortalecimento da cadeia ocorre quando essa produção é transformada em produtos de maior valor agregado. Enquanto isso não ocorrer, parte dos ganhos da melhora da safra deixará de se converter em renda, empregos e competitividade do setor", pondera a executiva.

Gráfico – Comparativo entre Recebimento e Moagem no 1º semestre (2023–2026)

(em toneladas)



Menor necessidade de importações reflete avanço da oferta, mas não uma mudança estrutural

A recuperação da produção nacional reduziu substancialmente a necessidade de importação de amêndoas no primeiro semestre de 2026. O Brasil importou 18,1 mil toneladas, **o menor volume da série recente** e 57,1% inferior ao registrado no mesmo período de 2025.

O movimento foi ainda mais evidente no segundo trimestre, quando, pela primeira vez em quatro anos, não houve necessidade de importar amêndoas. Para a AIPC, esse resultado deve ser interpretado com cautela, pois reflete a combinação de um ritmo de demanda por derivados inferior



ao dos últimos anos e de maior disponibilidade de matéria-prima nacional, o que não implica autossuficiência estrutural na produção de amêndoas de cacau no Brasil. **A demanda por derivados continua determinando o ritmo da cadeia**

O desempenho das exportações é mais um indicativo de que a atividade industrial ainda não voltou aos níveis anteriores à crise.

As exportações brasileiras de derivados de cacau somaram 26.739 toneladas no primeiro semestre de 2026, volume 7,0% inferior ao registrado no mesmo período de 2025. Embora o segundo trimestre tenha apresentado um aumento de 13% em relação ao primeiro, o avanço foi insuficiente para reverter a retração acumulada no semestre.

A Argentina permaneceu como principal destino dos derivados brasileiros, respondendo por 45% do volume exportado, seguida pelos Estados Unidos (19%) e pelo Chile (9%). As importações de derivados também recuaram, totalizando 23.336 toneladas, o que representa uma queda de 8,1% em relação ao primeiro semestre de 2025 e reflete um mercado ainda moderado para produtos processados.

As exportações de amêndoas permaneceram residuais, com apenas 274 toneladas embarcadas no semestre, o que demonstra que a competitividade brasileira está concentrada na industrialização e na exportação de produtos de maior valor agregado.

Segundo Anna Paula Losi, "os indicadores mostram que a próxima etapa da recuperação da cadeia dependerá da capacidade de ampliar o consumo de derivados nos mercados brasileiro e internacional. É essa demanda que impulsiona a moagem, reduz a ociosidade industrial e fortalece toda a cadeia produtiva."

A recuperação da oferta abre uma oportunidade, mas consolidá-la exigirá mais do que uma boa safra

A melhora observada na oferta de cacau ao longo do primeiro semestre abre uma oportunidade importante para a cadeia brasileira do cacau, mas ainda não representa uma mudança estrutural. Consolidar esse movimento



dependerá tanto da continuidade dessa evolução nos próximos ciclos quanto da capacidade de transformá-la em maior processamento, agregação de valor e novos investimentos.

Nesse contexto, fortalecer a produção e ampliar a capacidade de processamento deixam de ser objetivos isolados e devem ser tratados como agendas complementares. Uma indústria competitiva amplia a demanda pelo cacau brasileiro, aumenta a agregação de valor, fortalece a inserção do país nos mercados internacionais e cria um ambiente mais favorável para que os produtores continuem investindo em produtividade, renovação de lavouras, tecnologia e sustentabilidade.

"A recuperação da produção é uma excelente notícia para toda a cadeia, mas representa apenas o primeiro passo. Ainda não há garantia de que essa oferta se mantenha nos próximos ciclos, pois a produção continua sujeita aos efeitos do clima, às doenças e à necessidade de maior assistência técnica. Fortalecer a capacidade de processamento do país é tão importante quanto fortalecer a produção. Uma indústria competitiva amplia a demanda pelo cacau brasileiro, agrega valor e cria as condições para que produtores e indústria mantenham seus investimentos em produtividade, inovação e sustentabilidade. É dessa relação entre produção e indústria que depende o crescimento sustentável da cacauicultura brasileira", conclui Anna Paula Losi.

Panorama regional

A melhora da oferta foi heterogênea entre os estados produtores.

A Bahia permaneceu como principal origem do cacau recebido pela indústria, respondendo por **56,8%** do volume nacional no primeiro semestre de 2026. Embora mantenha a liderança, sua participação relativa recuou em comparação aos anos anteriores.

O Pará ampliou sua participação para **38,8%**, consolidando o avanço da produção na região Norte e reforçando a diversificação geográfica da oferta brasileira.

O Espírito Santo respondeu por **3,1%** do recebimento nacional, enquanto Rondônia elevou sua participação para **1,2%**, mantendo a tendência de crescimento observada nos últimos anos.



Mercado Internacional

De acordo com a análise da consultoria StoneX, o mercado internacional de cacau chega à metade de 2026 convivendo com fatores que atuam em direções opostas e ajudam a explicar por que a correção dos preços iniciada no fim de 2024 ainda não resultou em uma acomodação mais consistente das cotações. Ao longo do segundo trimestre, os contratos futuros oscilaram entre **US\$ 3.500 e US\$ 5.500 por tonelada** — faixa ainda elevada em termos históricos, embora bastante inferior às máximas registradas entre 2024 e 2025. O movimento reflete um mercado que busca equilibrar o alívio recente da oferta com um ambiente ainda marcado por incertezas para o segundo semestre.

Segundo o analista da StoneX, **Lucca Bezzon**, o principal fator de pressão baixista no trimestre foi a revisão positiva da safra africana, especialmente na Costa do Marfim. As entregas de amêndoas superaram as expectativas do mercado e acrescentaram cerca de **260 mil toneladas** ao volume inicialmente projetado, aproximando o acumulado de **2 milhões de toneladas**, frente às estimativas iniciais de aproximadamente **1,8 milhão de toneladas**. Esse desempenho reforçou a expectativa de um superávit global mais expressivo na safra 2025/26 e favoreceu a recomposição dos estoques mundiais após três safras consecutivas de déficit, encerradas em 2023/24.

Apesar desse cenário mais confortável no curto prazo, o mercado já direciona sua atenção para a safra 2026/27, cuja colheita terá início em setembro na Costa do Marfim e em Gana. Nesse contexto, o clima permanece como a principal variável de risco. A elevada probabilidade de formação de um episódio de **El Niño** de forte intensidade no fim do ano mantém um prêmio de risco incorporado às cotações, especialmente diante dos impactos observados durante a safra 2023/24.

Bezzon ressalta, contudo, que comparações diretas entre diferentes eventos de El Niño devem ser feitas com cautela, já que fatores como o momento de instalação do fenômeno e as condições fisiológicas das lavouras influenciam significativamente seus efeitos. Historicamente, porém, os episódios de El Niño tendem a reduzir a produção de cacau na África Ocidental. Em outras regiões produtoras, os impactos são distintos: Brasil e Indonésia costumam enfrentar maior risco de estiagem, enquanto o Equador tende a ser beneficiado pelo aumento da umidade, embora o excesso de chuvas também possa comprometer a produção.



No lado da demanda, a StoneX avalia que a recuperação continua cercada de incertezas. A reformulação de produtos pela indústria e a maior utilização de gorduras alternativas, em resposta ao choque de preços observado nos últimos anos, tendem a prolongar os efeitos sobre o consumo e tornar a recuperação das moagens gradual e heterogênea entre as diferentes regiões. Nesse cenário, a divulgação dos dados globais de moagem ao longo do segundo semestre será um dos principais indicadores para avaliar a velocidade da recuperação da demanda.

Para a consultoria, a combinação de uma oferta mais confortável, estoques ainda historicamente reduzidos, fatores técnicos das bolsas e incertezas climáticas deve manter o mercado internacional em um ambiente de elevada volatilidade. Embora o aumento da oferta limite movimentos sustentados de alta, os riscos associados ao clima e ao nível ainda reduzido dos estoques dificultam uma queda mais acentuada das cotações.